

rapidamente, devido à alta velocidade de migração das placas, não havendo tempo suficiente para a formação de uma condição de restrição (golfo) que permitisse a evaporação da água salina, saturando o meio aquoso, depositando o sal.

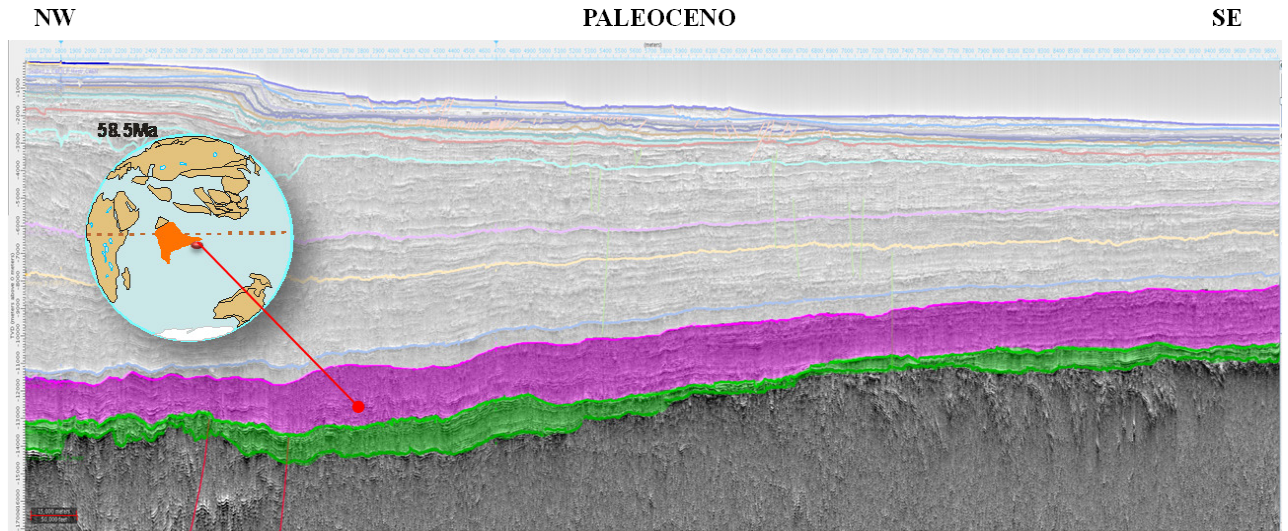


Figura 25. Sessão sísmica enfatizando o Paleoceno (rosa), interpretada na linha 1800, correlacionada com a história evolutiva apresentada por Lindsay (1991).

No Paleoceno (Figura 25), o suprimento siliciclástico continua baixo, o que contribui para a evolução de uma plataforma carbonática, associados a clima quente de latitude equatorial.

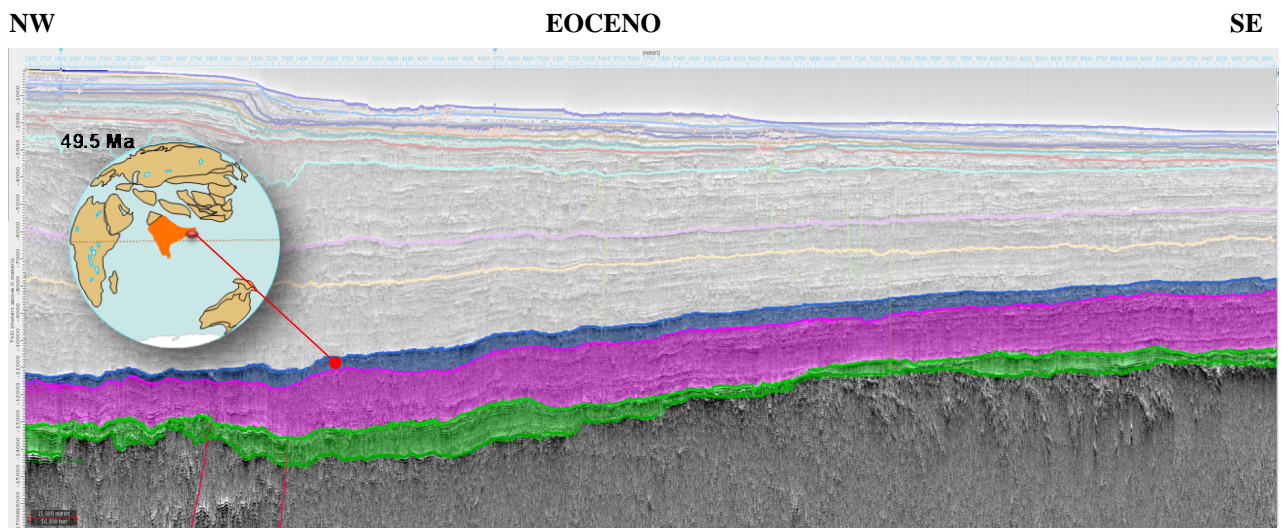


Figura 26. Sessão sísmica enfatizando o Eoceno (azul escuro), interpretada na linha 1800, correlacionada com a história evolutiva apresentada por Lindsay (1991).

O suprimento siliciclástico escasso e as altas temperaturas equatoriais contribuem para a construção de uma típica plataforma carbonática, durante o Eoceno (Figura 26).

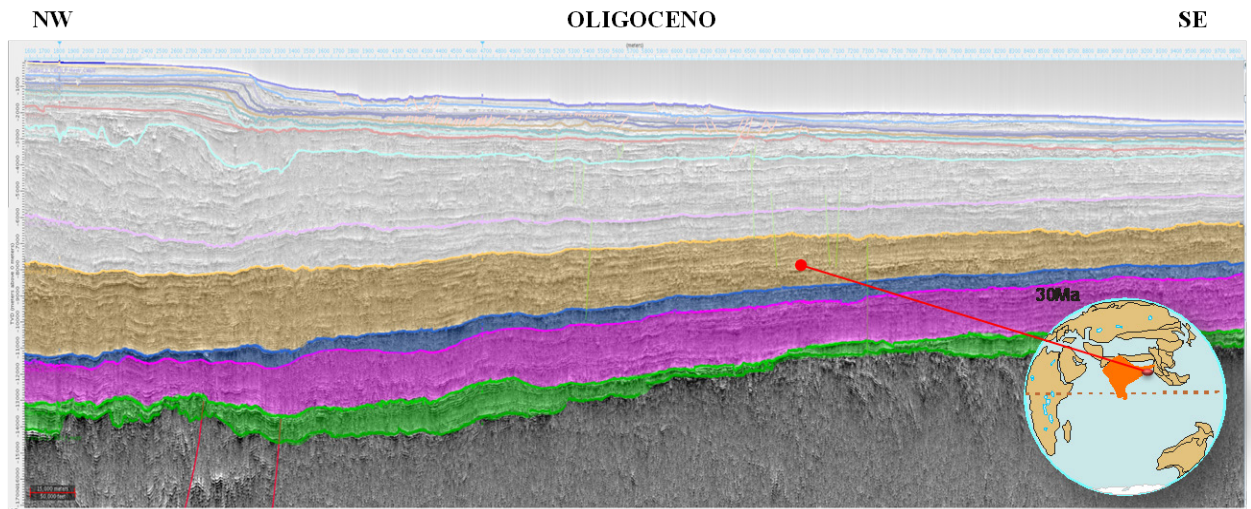


Figura 27. Sessão sísmica enfatizando o Oligoceno (laranja), interpretada na linha 1800, correlacionada com a história evolutiva apresentada por Lindsay (1991).

Uma mudança drástica na sedimentação começa a ocorrer no Oligoceno (Figura 27), provavelmente associado ao choque de microplacas e ao início do choque entre as crostas continentais do continente Indiano e Eurasiano. Com isso tem-se, inicialmente, um sistema carente de sedimentação onde os carbonatos são predominantes, passando para um influxo muito grande de sedimento siliciclástico no final desta idade, tanto proveniente de norte (microplaca do Nepal) como de leste (Mianmar).

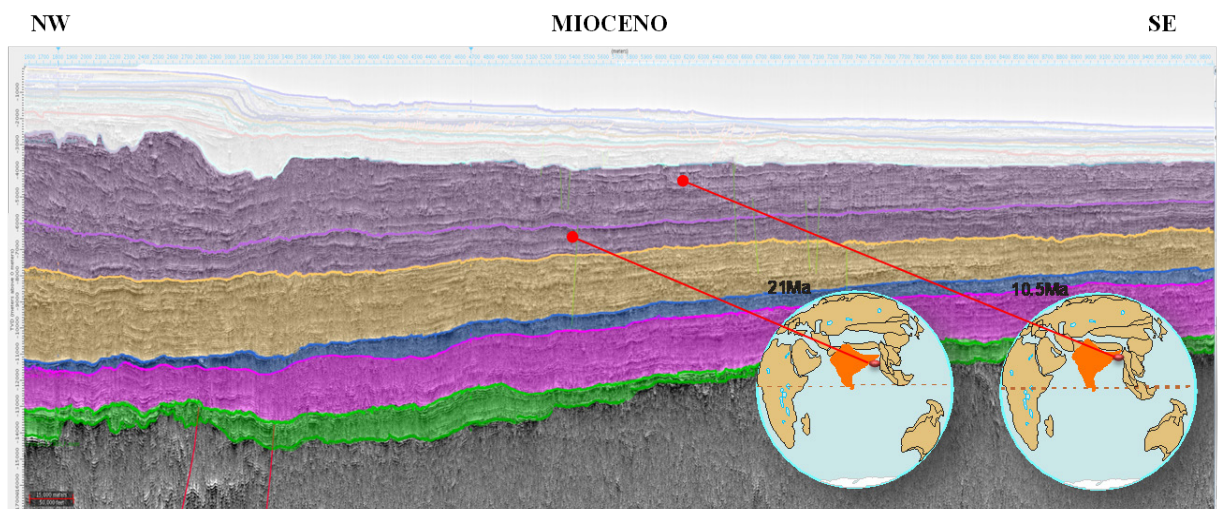


Figura 28. Sessão sísmica enfatizando o Mioceno (roxo), interpretada na linha 1800, correlacionada com a história evolutiva apresentada por Lindsay (1991).

No Mioceno, a sedimentação agora em condições de altas latitudes, tem a maior progradação clástica da história da bacia em condições de um trato de sistema de mar alto (Figura 28). Neste período ocorreu o início do soerguimento dos Himalaias propriamente dito, gerando um grande acréscimo progradacional para dentro da Bacia de Bengala. Pode-se observar que a partir desta idade alguma movimentação sin-sedimentar, devido provavelmente ao peso da espessa seção sedimentar sobre folhelhos e sedimentos de grãos finos. O topo desta seção é marcado por uma erosão, provavelmente relacionado a um evento de trato de sistema de mar baixo, o qual desestabilizou a plataforma e erodiu grande parte do topo da seção.

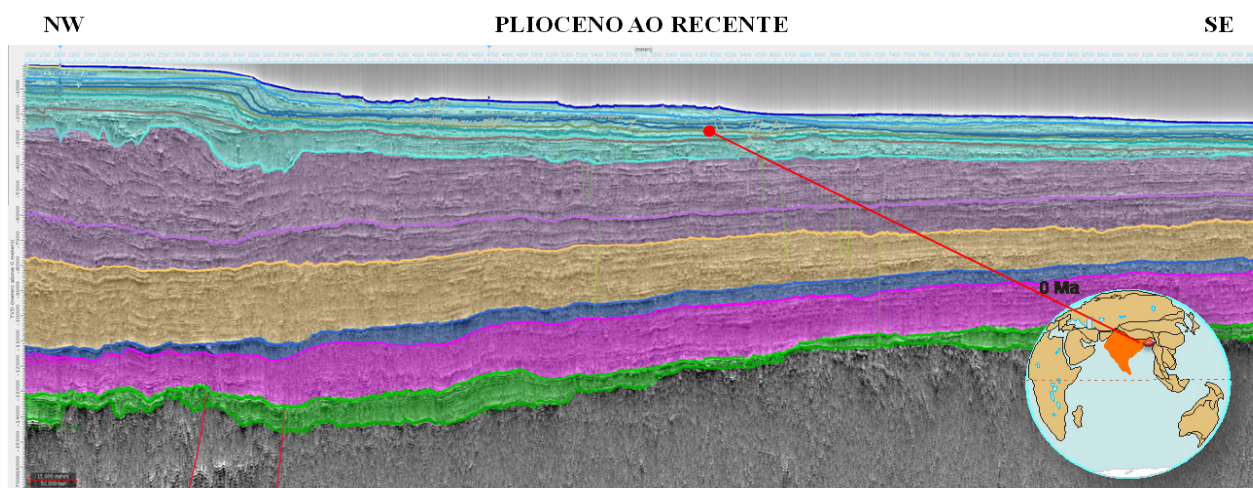


Figura 29. Sessão sísmica enfatizando do Plioceno ao recente (azul claro), interpretada na linha 1800, correlacionada com a história evolutiva apresentada por Lindsay (1991).

No início do Plioceno (Figura 29) é possível se observar a progradação sedimentar sobre uma superfície erosiva e instável, com um sistema progradante contínuo de origem siliciclástica estritamente ligada à evolução das cadeias de montanhas dos Himalaias até o presente. O início da deposição durante o Plioceno está marcado por aspectos sin-deformacionais do Mioceno e um volumoso preenchimento da seção prévia erodida.

5.3 Modelagem Sedimentar

O Dionisos é um *software* de modelagem sedimentar 2D e 3D da BeicipFranlab, o qual foi utilizado durante este trabalho com o objetivo de validar/estimar o aporte sedimentar na construção do Delta de Bengala. Foi escolhida a linha sísmica 1800 para uma modelagem